

**Jacob Gorender, *Combate nas trevas – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*, 2. ed., São Paulo, Ática, 1987. 286p. il. ISBN 85-08069-19-7.**

---

“Os jornais do Rio não tinham chegado. Pouco depois do meio-dia, costumava passar por aquela banca no centro de Goiânia e comprar jornais e revistas”. O sujeito dessa frase que principia o livro, gramaticalmente designado como oculto, não tarda a aparecer. Seu cotidiano fora abalado, ainda sem que soubesse, pelo golpe militar de 1964. E não é só pela desinência verbal que se pode vê-lo: ficar oculto nunca foi sua vontade. Jacob Gorender não é só autor de seu relato, é também sujeito. Dirigente do PCB, desde cedo ao lado de Prestes e Marighella, membro-fundador do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), historiador por opção, o autor edita sua perspectiva sobre o conflito entre a esquerda armada brasileira e o governo militar ditatorial que a partir dali se instalara no poder, produzindo aquilo que chamou de um *Combate nas Trevas*.

O livro, porém, não se pretende bastar como registro de memórias do autor. Ele é o registro de um militante coerente, que tenta explicar como a luta armada se constituiu num divisor de águas entre os grupos de esquerda: participar dela ou não e como participar eram questões distintas de todas as organizações. Para isso, ele se fundamenta em significativo acervo de fontes. Entrevistou outros tantos militantes envolvidos na temática do livro, resgatando também suas

memórias, bem como buscou em documentos o embasamento para sua reconstituição, desde a bibliografia disponível até jornais da época e panfletos publicados pelos partidos. Deste modo, as idéias do autor não despontam no texto como meros “achismos”. Na verdade, ele busca a todo o tempo justificar o que expõe, encerrando cada capítulo com uma lista de fontes às quais recorreu.

Não seria o caso, diante desse zelo metodológico, de assumir aqui a inocente defesa de uma neutralidade do autor. Como já mencionado, a primeira pessoa de Gorender não aparece durante o texto apenas nos verbos que conjuga: as páginas de *Combate nas Trevas* transbordam seu modo de pensar. De modo que a opção por elaborar seu texto como um narrador-personagem deixa de ser uma questão de estilo para ser o reconhecimento de que a acidez do texto tem apenas um responsável, que não se furta a assiná-lo. Gorender assume as críticas contundentes que propõe ali.

E elas abundam no livro. Jorge Amado, Frei Betto, Francisco Weffort estão entre aqueles que as recebem, cada um a seu modo. Este é criticado por sua “má” interpretação sobre as greves de Osasco em 1972. Quando da publicação de seu livro, dispunha de poucas fontes; contudo, após a abertura e divulgação

destas - que negavam o que propôs anteriormente -, prefere sustentar a sua “burra coerência” - o texto se encarrega de mostrar, como uma faca de dois gumes, que a coerência nem sempre é uma virtude; Gorender acaba ferido. O dominicano, por sua vez, comete, de acordo com Gorender, erro semelhante, sob o qual diz: “o meu silêncio de historiador significaria convivência com a versão divulgada por Frei Betto, em curso no Brasil e no exterior. Silêncio inadmissível diante do compromisso que o historiador tem com a verdade. Frei Betto preferiu a meia verdade, o que é igual a meia falsidade” (p. 177) - o assunto era a circunstância em que morrera Marighella. Jorge Amado é quem recebe a crítica mais dura entre os três. Sua reconstrução literária da esquerda insurgente contra o Estado Novo, *Os subterrâneos da liberdade*, em que se baseia em muitos elementos e personagens reais - o próprio Amado, bem como Marighella, estão lá -, execra um militante de então, Hermínio Sacchetta. E, diante de novas conjunturas, assim como Weffort, prefere não reconhecer o seu excesso. Gorender conclui sua explanação: “Sacchetta arriscou a vida na luta contra a ditadura militar. E Jorge Amado: esteve à altura do personagem?”. O seu ataque é *ad hominem*. E, novamente, trata da coerência alheia como algo pejorativo.

Porém nenhum outro nome é tão rechaçado quanto o de Luís Carlos Prestes: seus julgamentos são de ordem pessoal e política. Prestes, que talvez seja o nome mais associado à esquerda brasileira, tem sua imagem desconstruída por Gorender. É acusado de errar em suas análises sobre o golpe de 64 e por ter acreditado demais em Jango; quando de sua clandestinidade,

ocultou-se também das bases de seu partido; fortaleceu o seu próprio mito personalista, enfim. Gorender destina a Prestes uma acidez crítica da qual ninguém mais é vítima. Definitivamente, *O Cavaleiro da Esperança* de Jorge Amado não era o mesmo Prestes de Jacob Gorender.

Tal postura, por si só, não é digna de repreensão, não fosse pela incoerência do autor no tocante a outros personagens. Nomes como Marighella, Apolônio de Carvalho, Mário Alves não recebem sequer uma crítica. Curiosamente, não só os militantes mais próximos de Gorender são poupados, mas sobre o seu partido, o PCBR, também não recaem críticas emblemáticas - as quais, aliás, seriam autocríticas. Quando tangencialmente elas aparecem, tomam um sentido bastante lato, como “a esquerda brasileira não percebera...” ou “as organizações não souberam se organizar...”. Não se sabe se o autor deixa intencionalmente espaço para críticas de terceiros, e por isso não faz autocríticas, ou se de fato não consegue olhar para seus afins com a mesma dureza com que olha para os menos próximos; o fato é que a metralhadora crítica de Gorender só atira à frente: diga-se, o que já consiste num fatal tiro no pé.

Em relação a Caio Prado Jr., possui denodada simpatia. Sem ressalvas importantes, Gorender cita seu *A revolução brasileira* e diz: “um dos maiores historiadores brasileiros e um dos poucos marxistas do escalão da alta cultura nacional” (p. 73). Daqui se abstrai a proximidade teórica de ambos autores, ainda que essa não seja a obra mais eloqüente do materialismo histórico de Gorender. Evidente que a

influência de Marx existe nela, não na concepção da obra apenas, mas no contexto de que ela trata. Os combatentes do livro certamente eram defensores do marxismo, tal qual seu autor; mas não do marxismo acadêmico, e sim daquele prático e revolucionário, militante. Assim, o próprio objetivo do livro não permite ao autor demonstrar sua opção teórica isenta de suas implicações concretas. Metodologia e ideologia se fundem nesse *Combate nas Trevas*.

Diferente de tantos outros registros sobre a ditadura militar brasileira, a obra não é marcada por sentimentos ressentidos ou discricionários. O autor não dedica laudas e laudas a demonstrar a crueldade vivida nos porões da repressão pelos militantes. Torturas e interrogatórios recebem a mesma atenção de outros temas – lembrando, a título de ressalva, ou de explicação, que o autor reconhece nunca ter sido torturado. Assim, como o leitor poderá confirmar, as ações militares de esquerda, seus acertos ou erros, bem como a política repressiva do governo, receberão a mesma atenção de sua pena. Sem precisar esconder as suas predileções ideológicas e partidárias, a narrativa constrói-se sob um tom marcadamente objetivo.

Um outro momento não só de coerência do autor – essa positiva –, senão de coragem, é quando se dedica a relatar os casos de “justiçamentos” cometidos pela esquerda armada. Eles ocorriam tanto em caso de vingança contra agentes da repressão, como também contra militantes que de algum modo ofereciam riscos às organizações. Em ambos os casos a pena capital era aplicada com frieza revolucionária. Frieza essa que o autor ainda não

abandonara – sinal de coerência pouco inteligente, portanto. Mesmo assumindo que em alguns casos a execução de militantes foi prematura, ele não se mostra sentimentalmente abalado com as mortes – uma, julgada e promulgada pelo PCBR. Gorender demonstra nesse quesito acreditar verdadeiramente naquilo que o fez combater, ainda que de modo frio: não diz tratar-se de um erro que não se deveria repetir. Crítico do stalinismo de Jorge Amado contra Sacchetta, a coerência obumbra-lhe as vistas e não consegue, mais uma vez, levá-lo à autocrítica.

Se o historiador, por vezes, perde espaço para o militante que carrega uma flâmula, noutros a situação se inverte. Ele demonstra um valoroso espírito histórico quando revela fatos até então desconhecidos, na certeza de que aquilo que por um tempo deveria ser segredo, em outras circunstâncias deve ser desvelado sem medo de represálias. É o que faz quando registra a participação intencional de Emílio Sacchetta ao divulgar, a partir da rádio em que trabalhava, o manifesto redigido por Marighella, já na clandestinidade. Ou quando revela que a morte de um oficial alemão se deu por conta de um engano de seus algozes: o Comando de Libertação Nacional (COLINA) pretendia matar o capitão Gary Prado, suposto responsável pela morte de Che Guevara na Bolívia; diante do engano, o grupo se calara e só agora é revelado o motivo real do assassinato. O autor alega que hoje não há motivos para não revelar tal versão do fato. Com isso, mostra que, em tempos onde documentos são queimados em bases militares, a busca pela reconstrução da memória nacional deve ser algo realizado por todos os envolvidos.

Jacob Gorender detém o mérito de reunir a experiência daquele que viveu um importante período da história brasileira com a capacidade de reconstrução e pesquisa de um historiador. Se deixa lacunas, seja por intencional omissão ou inépcia, ou ainda devido a seus comprometimentos ideológicos, elas não comprometem a qualidade do livro. De modo algum poder-se-ia esperar que *Combate nas Trevas* esgotasse o tema que propõe. Ao contrário disso, ele traça mais um viés

pelo qual podem percorrer os interessados. Coragem e coerência são traços definitivos do livro - se para bem ou mal, não importa - ao passo que a ausência de autocríticas mais específicas também o caracteriza. De concreto, o livro inspira o leitor a ver o combate encetado pela esquerda armada contra a ditadura militar por dentro das trevas na qual os seus militantes foram obrigados a embrenhar-se.

---

**Lucas Porto Marchesini Torres**

Graduado em História  
Universidade Federal da Bahia